

# OLHARES E LEITURAS

## O PACTO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: UMA LEITURA DE "O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA".

SERGIO ANTONIO SAPUCAHY DA SILVA

Mestre em Teoria Literária. Professor da Universidade da Amazônia UNAMA - e da Universidade Estadual do Pará - UEPA.

### OLHARES E LEITURAS

Há oitenta e quatro, exatamente a 26 de fevereiro de 1916, surgiu a 1ª edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Cinco anos haviam se passado desde aquele janeiro-março de 1911, tempo da escritura do romance, notável período de reclusão criativa e abstinência alcoólica que se impôs Afonso Henriques de Lima Barreto. Naquela ocasião, publicara-o modestamente em folhetins no jornal do Comércio, entre 11 de agosto e 19 de outubro.

Em 1911, o romance não repercutiu, pelo menos com a intensidade das esperanças de Lima Barreto. E esse ano, como se sabe, é um divisor na existência do escritor. A partir dele vem o trágico mergulho no abismo do álcool e das alucinações.

Mas, em 1916, as esperanças eram bem maiores. Após ter em vão oferecido o romance aos poucos editores do Rio de Janeiro, Lima resolve bancar sozinho a edição. Para tanto endividou-se, recorrendo a amigos (Antonio Noronha Santos, o mais fiel de todos, emprestou-lhe trezentos mil reis) e a agiotas. É ainda um amigo, o compadre Benedito de Sousa, dono de uma tipografia que imprime o romance. E assim surge o livro: "...uma pobre brochura, em papel ordinário, reunindo num só volume o romance e alguns dos melhores contos do escritor, inclusive *O Homem que sabia javanês* e *A Nova Califórnia*".<sup>1</sup>

Para Lima, em 1916 também não se fizeram ouvir os ecos da crítica pelos quais ele tanto ansiava. Calculara mal a época do lançamento. Era tempo de carnaval. Logo o carnaval com que ele tanto implicava: aborrecia-lhe a pobreza das letras das marchinhas e o insultava o tratamento malicioso que costumavam dar às mulheres de sua cor. Para complicar mais ainda o lançamento, Portugal resolvera declarar guerra à Alemanha e a imprensa carioca só se ocupava da esquadra portuguesa: o couraçado "Vasco da Gama", o cruzador "Adamastor", a corveta "D. Maria da Glória", a nau "Catarineta", a caravela "Nossa Senhora das Dores", o brigue "Voador" e o bergantim "Relâmpago". É o próprio Lima quem declara com amarga ironia: "E não têm tempo de falar no meu livro, os jornais, estes jornais do Rio de Janeiro".<sup>2</sup>

Bem que ele se esforçou na divulgação: enviou exemplares a toda a imprensa e à maioria da intelectualidade da capital federal. Até a Rui Barbosa destinou um exemplar com uma dedicatória, estranha para o leitor de Lima, mais afeito às críticas barretianas aos figurões da época, inclusive ao próprio Rui: "Ao eminente Conselheiro Rui Barbosa, homem de letras, juriconsulto, alma do Brasil. Lima Barreto. 1-3-1916".<sup>3</sup>

Se pouco se falou então de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Francisco de Assis Barbosa, o biógrafo, discorda dessa avaliação de Lima Barreto, atribuindo-a mais ao bovarismo do escritor)<sup>4</sup>, essa 1ª edição prestou-se à prática da solidariedade, mostrando-a não só como doutrina do romancista. Cem mil reis que lhe foram adiantados pelo

<sup>1</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro; José Olímpio, 1981, p. 236.

<sup>2</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. Março, 1916. In: *Um longo sonho do futuro*. Rio de Janeiro; Graphia, 1993, p. 126.

<sup>3</sup> *Ibidem*. op. cit. P.123.

livreiro A.J. Castilhos serviram para custear o enterro do companheiro de farras Joaquim Vilarinho, estudante de engenharia, paraense de Anajás, devorado em poucos anos pelas seduções do Rio de Janeiro. Sobre esse episódio, conta-nos Antônio Noronha dos Santos que Lima Barreto, acompanhando o enterro em um carro logo atrás do coche, dirigia-se ao esquife “com frases e gestos desordenados, dizendo do seu intento de não segui-lo para a morada eterna: Vai sozinho, dizia, eu quero ter o Prêmio Nobel”.<sup>5</sup> Como se vê, 1916 parece já denotar as profundezas do abismo.

Dessa forma nasceu, oficialmente, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e esse breve relato já evidencia, por certo, uma cumplicidade entre este aluno e o romance em questão: uma relação apaixonada cujo fim ainda não se avista..

Muitas histórias se poderiam contar deste escritor que agora a televisão descobre, porém sem lhe dar a merecida divulgação: mais uma vez Lima Barreto é driblado pela vida. São histórias quase todas situadas no intercurso entre o trágico e o cômico, mas nenhuma teria chegado até nós, não fossem as estórias que Lima criou. Ou seja, em sua literatura, a arte erigida com a razão única de sua vida:

“As letras são o fim de minha vida... Eu abandonei tudo por elas; e a minha esperança é que eles as me possam dar muita coisa. É o que me faz viver mergulhado nos meus desgostos, nas minhas mágoas, nos meus arrependimentos”.<sup>6</sup>

A estória de Policarpo se constrói sob o olhar crítico e poético de Lima Barreto. É este o primeiro olhar destas nossas considerações. Ele abraça toda a realidade social, política, econômica e cultural do Rio de Janeiro da última década do século XIX. É sensível à nova geografia das classes sociais que se desenha na transição da monarquia para a república; é atentíssima a tremenda desigualdade agravada com a entrada do capital estrangeiro; percebe as conseqüências do projeto de modernidade que esse mesmo capitalismo impõe, para as classes menos favorecidas: a “higienização”, geradora do expurgo da pobreza das áreas centrais para os morros que se estendem ao longo das estradas de ferro da Central e da Leopoldina. Naqueles idos, mais e mais esse povo ia sendo empurrado para longe do Centro; de roldão também vão os limas barretos, entre eles Afonso Henriques: Laranjeiras, Flamengo, Centro, Ilha do Governador, Engenho Novo, Todos os Santos.

É um olhar que desvenda a alma do povo por meio de suas manifestações artísticas. Aí estão Ricardo Coração dos Outros com o violão e as modinhas e o velho poeta, pesquisador do folclore nacional, auto-referência, no romance, de idênticas ações do próprio Lima Barreto, conforme mostram o “Diário Íntimo” e o artigo “Mágoas e Sonhos do Povo”, este publicado na revista “Hoje”, em 1919. Essas manifestações da arte popular são componentes importantes na estrutura da estória do romance. Lima confrontou-as com os modismos eruditos da pequena burguesia carioca e estabelece interessantes pares em oposição: Ricardo/Bilac, Modinha/Canto Lírico.

Lima Barreto é dos primeiros em nossa literatura a dar voz ao povo sem a maquilagem lusitana na sintaxe, antecipando, dessa maneira, em alguns anos o Modernismo. Sua própria voz, em que pese a situação social limítrofe, é expressão de linguagem brasileira, enxuta, sem os malabarismos verbais tão ao gosto do beletrismo representado por Coelho Neto e Afonso Peixoto entre outros.

O olhar de Lima Barreto apreende a realidade, ficcionaliza-a, compondo um riquíssimo painel do Rio urbano, suburbano e rural. Ressalta-se, porém, que o romance transcende o espaço que representa, porque aquele Rio de Lima é o próprio Brasil. Transcende, igualmente, o tempo: 1893-1894; Revolta da Armada, Governo Militar, Ditadura; realidades tão vividas, que parecem ter acontecido ontem ou estar por acontecer.

Assim, este olhar produz *Triste Fim de Policarpo Quaresma* — uma leitura poética da realidade, um pacto entre o real e o imaginário alimentado na dor dos oprimidos. Uma voz narrativa comprometida com o social, ressoando entre a pequena e a grande burguesia, sem atingi-las, Seduzidas, que estão pela arte “sorriso da sociedade”. Um texto pródigo no transformar dor em prazer, uma dor emanada das articulações que a constroem, quais sejam, o doloroso intercurso entre as classes sociais. Por outro lado, prazer “vivido” na excelência do discurso literário em que, ao sabor da ironia, todas as possibilidades da linguagem são exploradas.

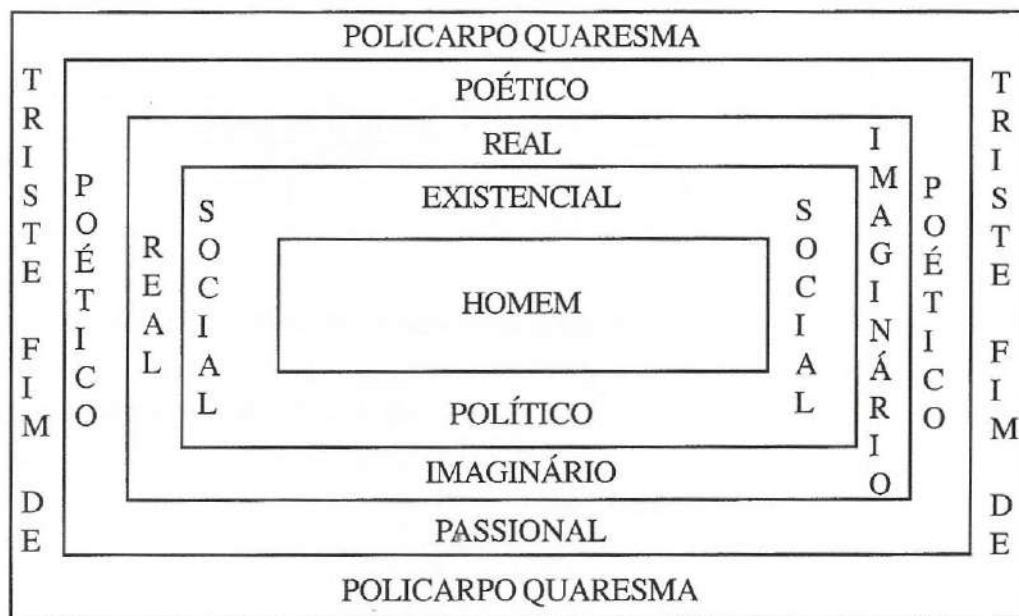
Prazer e dor como recriação da realidade, mimese no mais puro sentido plural aristotélico, ressonância

<sup>4</sup> Ibidem. op. cit. 128.

<sup>5</sup> Id. op. cit. 128.

<sup>6</sup> Ibidem. A época, Rio de Janeiro, 18/02/1916. Entrevista feita às vésperas do lançamento de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

também de uma outra realidade, tão pungente quanto as de Policarpo e Ismênia, igualmente “empurrado” a um triste fim: o do próprio escritor.



Um segundo olhar é o acadêmico, olhar daqueles que se dispuseram e se dispõem a ler a ficção de Lima Barreto, explorando suas múltiplas possibilidades de leitura, fazendo aflorar plurissignificação e literariedade. Muitas e fecundas têm sido essas leituras, cada uma explorando novas facetas da obra do escritor: Agripino Grieco, Jackson Figueiredo e Astrajildo Pereira, os contemporâneos do escritor; passando por Lúcia Miguel Pereira e M. Cavalcânti Proença para alcançar Osmar Lins, Alfredo Bosi, Sônia Brayner, João Sevcenko e Maria Zilda Ferreira Cury entre outros nomes ilustres, além de diversas dissertações e teses universitárias, às quais nem sempre se tem acesso. O social, o ideológico e o literário emergem desses estudos. É uma verdadeira Academia a olhar o mulato escritor e a conferir-lhe a imortalidade que outra academia — institucional, assinalada por nebulosos escrutínios e discutíveis escolhas — negara.

Este que agora submeto a julgamento também acadêmico, é o olhar de um outro mulato carioca, suburbano e meio pingente nas trilhas da vida, mulato por mera coincidência nascido num distante 11 de agosto. Modesto olhar, enfocando uma única parte da obra de Lima Barreto, com pretensão maior de levar a efeito experimentação do exercício da leitura analítica como prática das lições do Mestrado e virtual aplicação no ensino de literatura.

Para evitar dispersão ótica e garantir alguma acuidade a fim de que o resultado possa estar conforme o romance, fortaleceu-se o olhar, apropriando-se dessa ou daquela vertente da teoria literária conforme os clamores do texto. Assim, nosso olhar percorreu os caminhos de correntes ditas estruturais, fixando-se mais, em alguns momentos, no psicoestruturalismo de Andre Niel por reconhecer viva no texto a presença do sujeito de criação e do leitor real, muito além de meros “seres de papel”. Mas valeu-se, e muito, das sábias lições de Roland Barthes, Todorov,

Greimas...sempre que a análise se voltava para as estruturas da narrativa. E, sendo o texto exercício de linguagem, jogo de palavras ora em aspecto fonológico, ora morfossintático, ora semântico, as lições da tão valiosa Estilística fizeram-se imprescindíveis. Por certo, nosso olhar remontou a Sainte-Beuve e Taine (Lima amava Taine) e também se fez impressionista (Perguntamo-nos como seria um leitor sem impressões).

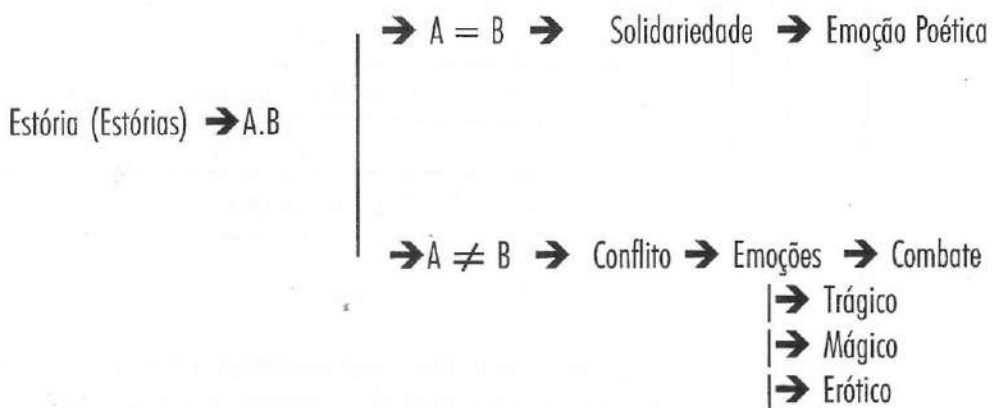
Ao cabo dessas considerações acerca de nosso olhar sobre o universo de Policarpo Quaresma, é hora de recorrer mais uma vez ao visual, em busca de imagens mais concretas da leitura resultante do enfoque dado por nós ao romance.

Assim como o "bricoleur" que Barthes e Genette mencionam depois de Lévi Strauss, procedemos a sucessivas desmontagens do texto.

Inicialmente:

Triste fim de Policarpo Quaresma	
Narrativa	
Estória	Discurso

Em seguida, tomamos a estória levando em conta a proposta de uma estrutura matricial.



Solidariedade, como síntese de sentido; Conflito, como busca da síntese perdida.

A estrutura matriz realizando-se através de múltiplas variantes, resultando desse engendramento a natureza literária da estória (Exemplos no romance e na vida).

Podemos retomar a estória em novas leituras:

Literário { ((Estória [Emoções (Poético, Cômico, Trágico, Combate, Mágico, Erótico)]) ) }

Ou

Estória ↔ Personagens ↔ Ações ↔ Conflitos ↔ Emoções

A estória é um "sistema de personagens e acontecimentos que supõe uma lógica das ações e uma sintaxe das personagens".

Da estória, voltamo-nos para o discurso. Preferimos olhá-lo através de três dos seus componentes: voz, tempo e espaço.

Este quadro mostra como, por meio da categoria voz, podemos "tocar" os elementos que "escrevem o romance".

<sup>7</sup> TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária; in BARTHES, Roland et alii. A análise estrutural da narrativa. Petrópolis; Vozes, 1972 p. 213-220



O tempo, porque o discurso mostra-se sempre impregnado por ele. Mas o tempo de Policarpo Quaresma é múltiplo e cresce em importância quando traz o próprio real para o interior da obra, através da História do Brasil. Revela-se, então, o tempo plural da narrativa:

- da Estória (Pluridimensional)
- do Discurso (Linear) Tempo da Narrativa
- da Referência (História do Brasil)
- da Escrita (Criação)
- da Concientização (Psicológico)

E, por fim, o espaço. Ele, no romance, é perfeita ficcionalização da realidade. Como nos ensina Alain Badiou, ele ultrapassa a condição de reflexo do real para se tornar o real desse reflexo; ou seja, uma segunda realidade, recriada, ampliada e mais verdadeira. Fundam-se o existente e o virtual, e o espaço se constrói como geografia social.

Urbano	Suburbano	Rural
Rio de Janeiro		
Burguesia	Pequena Burguesia	Massa Popular
Botafogo	São Cristóvão	Piedade, Méier
Petrópolis	Méier	Pedregulho
Ouvidor	Piedade	Ouvidor
Curuzu	Ouvidor	Curuzu

Mas há ainda um derradeiro olhar que produz leitura tão bonita e ir-real. O real e o imaginário se tocam quando Lima Barreto e sua obra tornam-se expressão poética na delirante catarse do Carnaval. É o canto do povo desbancando o científico na apreensão do lírico e do trágico para mostrar a odisséia do escritor. Jogo verbal que só comprova o quanto o escritor ecoa entre os simples, jogo paraliterário certamente, mas que se entranha e estranha de poético.

Lima Barreto: Pobre, mas Livre

Vamos recordar Lima Barreto  
Mulato pobre, jornalista e escritor  
Figura destacada no romance social  
Que hoje laureamos neste carnaval.

O mestiço que nasceu nesta cidade  
Traz tanta saudade em nossos corações  
Seus pensamentos, seus gritos  
Suas idéias liberais.  
Impressionante brado de amor pelos humildes  
Lutou contra a pobreza e a discriminação.

Admirável criador de personagens imortais  
Mesmo sendo excelente escritor  
Inocente, Barreto não sabia  
Que o talento banhado pela cor  
Não pisava o chão da Academia.

Vencido pela dor de uma tragédia  
Que cobria de tristeza sua vida  
Entregou-se à bebida, aumentando seu sofrer  
Sem amor, sem carinho  
Esquecido, morreu na solidão.

Lima Barreto, esse povo quer falar só de você  
A sua vida, a sua obra é o nosso enredo  
E agora canta em louvor e gratidão  
Quanta emoção ?

(Adriano. Unidos da Tijuca, 1983)

#### BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1981, p. 236
- BARRETO, Lima. Diário íntimo — Março, 1916. In *Um longo sonho do futuro*. Rio de Janeiro, Graphia, 1993, p. 126
- Ibidem. Op. Cit. p. 123
- Ibidem. Op. Cit. p. 128
- Ibidem. *A época*, Rio de Janeiro, 18-02-1916. Entrevista feita às vésperas do lançamento de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
- TODOROV, Tzvetan. *As categorias da narrativa literária*; in BARTHES, Roland et alii. *A análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 213 e 220